

# Mario Quintana – XVII

Da vez primeira em que me assassinaram  
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...  
Depois, de cada vez que me mataram,  
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou  
O mais desnudo, o que não tem mais nada...  
Arde um toco de vela, amarelada...  
Como o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!  
Ah! desta mão, avaramente adunca,  
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da Noite! Asas do Horror! Voejai!  
Que a luz, trêmula e triste como um ai,  
A luz do morto não se apaga nunca!

**Mario Quintana, A Rua dos Cataventos**